

EXPERIÊNCIA CARTOGRÁFICA DE UMA DOCENTE: SOBRE O PESQUISAR, O ATUAR E O TRANSFORMAR(-SE)*

Marina Contarini Boscariol

marina.boscariol@yahoo.com.br

Mário Luiz Ferrari Nunes

mario.nunes@fef.unicamp.br

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo discutir os processos de subjetivação docente, a fim de compreender a construção do ser professora. Usamos como operador metodológico a cartografia e tomamos como material empírico o diário de bordo de uma egressa na docência da Educação Física. No mesmo são observadas algumas relações que afetam a docente e constroem uma experiência do ser professora. Experiência essa que assujeita e ao mesmo tempo permite a produção de outras formas de conduzir-se docente.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Física; Cartografia; Experiência de si.

INTRODUÇÃO

Por meio da cartografia, discutimos os processos de subjetivação docente, a fim de compreender a construção do ser professora. Para tanto, tomamos como material empírico o diário de bordo de uma egressa na docência da Educação Física (EF).

Os diários trazem elementos para pensar como os discursos sobre o ser professora se constituem no corpo estudado e como se dão os processos de subjetivação nesta experiência. Foucault (2014) considera que os sujeitos são produtos históricos, assujeitados por determinadas ordens discursivas e ao mesmo tempo agentes que interferem nessa produção de si mesmos. Assim, é possível que os mesmos optem por assumir determinados discursos, recusar e produzir outros.

As questões que orientam as discussões são: quais forças atravessam o ser professora? Como as mesmas constituem uma experiência inicial na docência?

* O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



O USO DA CARTOGRAFIA

Destacamos o caráter cartográfico desta pesquisa, o que indica que a mesma não possui intenções prescritivas, classificatórias, ou apresenta regras prontas a serem aplicadas no percurso. A pesquisa cartográfica pressupõe a construção de alguns princípios, ou pistas, que considerem de fato o percurso da pesquisa e os efeitos produzidos pelo pesquisador sobre o próprio objeto. O que fazemos se dá num campo de pesquisa-intervenção e consideramos que os resultados produzidos aqui estão no plano das experiências, que é singular e efeito da relação estabelecida entre o cartógrafo e o objeto da pesquisa (PASSOS; BARROS, 2015).

Escóssia e Tedesco (2015) discorrem sobre esse plano de experiências, apontando que o mesmo é composto de dois planos: o plano das formas e o das forças. O primeiro se dá pela organização da realidade. É representado pelas figuras já significadas. O segundo é composto pelas forças que irão constituir essa realidade. Ambos os planos se entrecruzam e determinam a existência um do outro. A função do cartógrafo é habitar esse território e registrar as forças que constituem o plano das formas.

As autoras ressaltam, que:

[...] duas questões se impõem ao cartógrafo. A primeira é se toda e qualquer prática ativa esse plano pré-individual e molecular do coletivo. A segunda é se determinadas práticas obstruem o acesso a esse plano de criação trabalhando a favor da permanência e cristalização das formas, enquanto outras acionam tal plano (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2015, p.100).

Ao reconhecer o caráter limitado e naturalizado de produção da realidade, escolhemos princípios que nos levem a múltiplas saídas e olhares para o mesmo objeto, tornando o conhecimento sobre as forças que atuam sobre ele o mais objetivo possível.

De forma a ter elementos que abasteçam essas múltiplas perspectivas, Rolnik (2016) coloca que o cartógrafo deve se servir de fontes variadas que apresentam diversas formas de linguagem proporcionando ao mesmo desenvolver um olhar sensível que se voltará para o objeto. A autora chama a atenção para o problema do cartógrafo, que não é da ordem do verdadeiro ou falso, ou certo ou errado, “mas sim do vitalizante-ou-destrutivo, ativo-ou-reativo” (p. 66). O território habitado na pesquisa é vivo, sendo o cartógrafo também responsável por estar em defesa da vida. É nesse momento que sua prática se torna política.

A cartografia atua nas micropolíticas. Interage com as relações de poder que produzem a subjetivação. Busca compreender o alcance das mesmas na produção da sociedade. Ao ter como único princípio fixo a valorização da vida, a prática cartográfica também age na visibilidade e produção de outras saídas para compor processos de subjetivação e invenção de outras formas de vida.

A SUBJETIVAÇÃO DOCENTE

A EF compreende alguns currículos pautados em diferentes modelos de sociedade e concepções de sujeito. Estas perspectivas pressupõem determinadas formas de agir e de ser professora e que quando inseridas em determinados contextos institucionais são tencionadas e produzem efeitos no processo de subjetivação dos envolvidos na disputa – professoras de EF, polivalentes, alunos e alunas, gestão escolar etc.

O corpo é um lugar no qual se vive intensamente as relações de poder. Pensamos o processo de subjetivação docente compreendido por meio das forças que submetem o sujeito professor a determinados discursos, sendo eles pedagógicos, psicológicos, jurídicos, e ao mesmo tempo pela força exercida pelo próprio sujeito sobre si mesmo.

Dotto (2018, p. 27) coloca que sob o enfoque foucaultiano de sujeito o mesmo:



“[...]pode ser encarado negativamente como um terminal que está conectado com diversas linhas de poder que o normatizam, o codificam e que, em suma, o produzem. Linhas estas sempre em movimento, entrelaçadas, bifurcadas e coextensivas ao *socius*. Contudo, estas mesmas linhas (ou relações de poder) que intentam, fomentar a subjetividade – governá-la com o objetivo de extrair sua docilidade-utilidade, sua submissão – podem ser subvertidas e redesenhadas em direção outras, dando margem a uma autoconstituição ética do sujeito no trabalho refletido e apurado da liberdade que este exerce sobre si mesmo.

Essa produção de poder pelo próprio sujeito professor sobre suas formas de conduzir-se pressupõe uma positividade, um cuidado de si docente que permite com que ele conheça as práticas discursivas que o assujeitam à determinadas formas de ser professor. Ao reconhecer esses discursos, o docente é capaz de assumir certas formas de poder e rejeitar outras, praticando, assim, a liberdade. Liberdade como uma prática refletida de uma ética que considera a relação com o outro no processo de produção de poder.

Foucault (2014) ressalta que a existência das relações de poder pressupõe com que todos os sujeitos envolvidos no processo sejam sujeitos de ação, tenham possibilidade também de produzir poder. Desse modo, a liberdade produzida por um docente que se reconhece enquanto sujeito professor, não pode, de forma alguma submeter, alunos, pares, entre outros a estados de dominação no qual os sujeitos não sejam capazes de assumir outras formas de conduzir-se que não aquelas impostas pelo sujeito da dominação.

AS MARCAS DE UM CORPO DOCENTE

Os discursos sobre a docência são produções delimitadas a determinados contextos que educam corpos e formas de conduzir-se no interior das instituições escolares e até mesmo fora dela. Ao viver o processo cartográfico – considerando os limites de intimidade com o próprio objeto – cinco são as relações percebidas que tencionam e produzem efeitos sobre o corpo da docente. A relação professora-escola; professora-pares; professora-discentes; professora-EF e a relação professora-professora, sendo que esta última se dá na produção das outras sobre o corpo da mesma.

A primeira é representada por práticas de assujeitamento ao tempo e espaço escolar, atravessada por forças que tornam a escola um dispositivo do neoliberalismo¹. No diário é recorrente a narrativa de um sentimento de individualização por meio da burocratização escolar. Ao passo que os sujeitos são expostos às condições de trabalho que o colocam no centro e único responsável pelo desenvolvimento do mesmo é instaurada a cultura do empresário de si e inibidas algumas possibilidades de identificação com os outros sujeitos do mesmo espaço (HALL, 2003). Compõe-se aqui um cenário profissional individualizante, eficaz em termos de produção recorrente da constante competição pré estabelecida por essa individualização e consumidor de serviços de capacitação, livros e de mídias informativas – governadas por determinados interesses.

A segunda se dá no processo de identificação. Ao mesmo tempo que há o distanciamento da professora de EF das polivalentes e da gestão escolar, outras marcas aproximam o grupo, como o ser mulher, o próprio ser professora e o ser servidora pública. Questões estas que produzem um sentimento de solidarização, funcionam como possíveis ferramentas de confronto à determinadas concepções da mesma ordem discursiva, o que potencializam identificações em demandas equivalentes de lutas políticas (HALL, 2003).

A terceira indica o campo de disputa que é a EF e de que forma ela se consolida nos diferentes espaços, comunitário, escolar e acadêmico e como essas forças se hibridizam em um corpo que atua na escola. Nessa disputa, o esforço se dá no defender com afinco suas concepções e expulsar outras, que, por serem hegemônicas, o corpo negocia. A quarta, relacionada à terceira, se dá no acontecimento “aula”, na percepção dos afetos e na forma como é construída pela professora e pelos alunos e alunas os cenários de

¹ O neoliberalismo pode ser entendido como um conjunto de técnicas e saberes que favorecem tanto a expansão das formas do capitalismo contemporâneo, quanto à lógica de controle da vida pública e privada da população. (FOUCAULT, 2008).



experiências, que irão produzir nos sujeitos envolvidos formas de olhar para o mundo, para o outro, para as práticas corporais (NUNES, 2016).

A última se dá no encontro de todas as anteriores com um corpo docente em constante processo de subjetivação, que busca cada vez mais atuar sobre si mesmo por meio de estratégias genealógicas, a fim de borrar identidades e produzir diferenças, produzir poder. O que se pretende é participar do campo de disputa pelo significado do que é EF na escola, do que é ser professora de EF e outras questões que irão atravessar a prática no decorrer do percurso na docência.

ALGUNS APONTAMENTO

Neste texto, discutimos os processos de subjetivação docente, a fim de compreender a construção do ser professora que é atravessado por diversas relações, sendo as levantadas por essa pesquisa: a relação professora-escola; professora-pares; professora-alunos e alunas; professora-EF e a relação professora-professora. Essas questões constroem um cenário de experiência para a docência, e a professora ao expor-se a ele é capaz de compreender o que o constitui, buscando saídas para atuação no mesmo. Ao passo que ela atua sobre o mesmo, ela o modifica atuando, também sobre seu processo de transformação docente produzindo outros discursos sobre o ser professora de EF.

CARTOGRAPHIC EXPERIENCE: ON RESEARCH AND PERFORMANCE AND TRANSFORMATION OF SELF

ABSTRACT

This research aims to discuss the processes of teacher subjectivation, in order to understand the construction of being a teacher. We used as a methodological operator the cartography and we take as empirical material the diary of a Physical Education's teacher. We observed some relations that affect the teacher and construct her experience of being a teacher. This experience submits her to a discursive order and at the same time allows the production of other ways of being.

PALAVRAS-CHAVE: *Physical Education; Cartography; Experience of self.*

EXPERIENCIA CARTOGRÁFICA: SOBRA LA INVERTIGACIÓN Y EL ACTUACIÓN Y EL TRANSFORMACIÓN DEL YO

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo discutir los procesos de subjetivación docente, a fin de comprender la construcción del ser profesora. Usamos como operador metodológico la cartografía y tomamos como material empírico el diario de a bordo de una egresada en la docencia de la Educación Física. Observamos algunas relaciones que afectan a la docente y construyen una experiencia del ser profesora. Experiencia que asocia y al mismo tiempo permite la producción de otras formas de conducirse docente.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCACIÓN *Física; cartografía; Experiencia del yo.*



REFERÊNCIAS

- DOTTO, P. M. *Usos da liberdade e agonismo em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2018.
- ESCÓSSIA, L.; TEDESCO, S. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- FOUCAULT, M. *O Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. Sujeito e o poder (1982). In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos IX: Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2014, p. 264-296.
- HALL, S. *A questão multicultural*. In: Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representações da Unesco no Brasil, 2003.
- NUNES, M. L. F. Afinal, o que queremos dizer com a expressão “diferença”? In: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (organizadores). *Educação Física Cultural: por uma pedagogia da(s) diferença(s)*. Curitiba: CRV, 2016.
- PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividades*. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2a. ed. Porto Alegre: Sulina, 2016.

